

A lua já não é cheia, está minguando – como nós, hoje

Almoçamos sob o mesmo aguaceiro. À tarde, Tawé e D. Puxu vêm em nossa *uké'a* e lhes entregamos uma faca, um canivete e a rede, que ainda utilizaremos hoje. Percebemos que eles ficam satisfeitos, mas não ouvimos agradecimentos. Quando entrego a Tawé, no entanto, separado das outras coisas, a faca e a bainha que eu trago à cintura – é algo mais pessoal –, ele sorri e posso ver no seu rosto alegria e gratidão. Quando eles se vão, eu e Kika passamos a fazer uma lista de algumas coisas que poderiam ser boas e úteis para eles, para tentarmos enviar-lhes através da FAB e da Missão.

À noite, falamos com Tawé sobre a nossa alegria e gratidão por ele nos ter trazido à sua aldeia, à sua casa, à sua família, ao seu povo e nos ter permitido viver esses dias com eles. A chuva agora é fraquinha e ele confirma nossa viagem para amanhã, dizendo que teremos tempo bom. Antes de nos indicar a hora de dormir, pedimos que ele verifique a lista que fizemos. Ele concorda com as sementes de alguns legumes e frutas, com a enxada, faca, tesoura, agulha, linhas e anzóis, mas recusa uma série de outras coisas. Nós tomamos cuidado para não incluirmos algo que pudesse resultar na dependência deles em relação aos *pariwat*, ao nosso mundo. Bastam os anzóis, a enxada, a tesoura e a faca, mas esses são apetrechos que eles já utilizam – a Missão dispõe deles, assim como de outros mais, e os troca com eles por castanha.

A lua já não é cheia, está minguando – como nós, hoje – e algumas nuvens a encobrem quando vou à beira do Cururu despedir-me da noite da aldeia. Tawé não faz seu passeio noturno hoje. Pouco depois, uma chuvinha silenciosa embala o nosso sono triste.

Extraído do livro: *Tawé, Nação Munduruku – Uma aventura na Amazônia*

Autor: Walter Andrade Parreira

(Cap.17 – ‘A estrada é sábia’ – pág.280)